

Corpos digitais na era do big data

Mestre Fernanda de Paula Carvalho

(Pontifícia Universidade Católica Minas Gerais)

Especialista Raphael Silva Ferreira

(Pontifícia Universidade Católica Minas Gerais)

INTRODUÇÃO

Os rastros digitais produzidos por usuários das tecnologias digitais de informação e comunicação podem ser considerados marcas subjetivas produzidas em um corpo virtual, assim como as tatuagens historicamente marcaram os corpos e subjetividades em diferentes contextos sociais e culturais?

Iniciamos esse texto com esta pergunta que orienta as reflexões que estarão presentes neste estudo, que sem propósito de construir verdades ou respostas às realidades, se propõe a inserir questões e problematizações a partir das relações que passamos cada vez mais a estabelecer com o ambiente virtual.

É interessante perceber como discutir sobre corpos e tecnologias na contemporaneidade produz tantas perguntas e interrogações. De certo que a atualidade do tema somado ao desenvolvimento constante da tecnologia produzem efeitos muito mais questionadores e especulativos do que asseverativos sobre o tema. Dessa forma, muitos temas, conceitos e relações que estão sendo estabelecidas a partir dessas novas realidades sociais tornam-se desafios para análise, à medida que são, conforme comenta Zuboff (2020), sem precedentes. Entretanto, será que é possível comparar as experiências que se constituem no ambiente virtual com experiências relacionadas a outros tempos históricos da nossa civilização?

CORPO INFORMAÇÃO

O surgimento de um novo espaço social configurado a partir das tecnologias de informação e comunicação configuraram novas formas de relação com os outros, com a própria subjetividade e com a vida social a partir de um novo ambiente: o ambiente virtual (TAPIAS, 2006). Um novo ambiente onde certamente os sujeitos são os transformadores e modificam formas de arte, política, comércio, e, principalmente a forma como se percebe o mundo. Mudanças que também criam novos “modos de ser” e impulsionam transformações nas definições do “nós” e do “eu”, construindo assim, novas subjetividades (SIBILIA, 2008).

Um dos elementos que destacamos a partir dessa “ocupação” do ambiente virtual é a constituição de um “outro” corpo, que não é carne ou matéria, mas uma dimensão de corpo que se constitui a partir da relação sujeito, tecnologias e ambiente virtual.

Se voltarmos um pouco no tempo e analisarmos como a relação homem-tecnologia se apresentava podemos lembrar dos filmes de ficção científica, desenhos animados ou até previsões de pesquisadores que simulavam ou anunciavam algo novo. Homens robotizados, robôs com sentimentos, máquinas inteligentes e computadores autônomos, esse era um mundo “vir a ser” que muitos já esperavam e, um dos conceitos que representavam essa dimensão relacional corpo-tecnologia, homem-máquina era dos ciborgues.

Entretanto, a realidade que se apresenta hoje, especialmente na ordem do desenvolvimento tecnológico e da inserção das realidades virtuais em nossas vidas é, como já citamos, algo sem precedentes. Sendo assim, a própria maneira de compreender as subjetividades se vêem transformadas, assim como, por exemplo, a compreensão sobre o que seriam os tais ciborgues.

Diante de uma vida cheia de recursos tecnológicos na saúde, na alimentação, nas relações, onde estaria a cisão homem/máquina? (SILVA, 2009). Para o autor e outros como Haraway (2009), essa cisão não existiria mais e estaríamos diante de algo novo, da construção de novas/outras subjetividades que remetem a ideia de um pós humano, que

desconstrói a noção moderna sustentada por concepções naturalistas e imutáveis e inaugura possibilidades de modificações e reconstruções constante para o “eu” (KUNZRU, 2009). “De um lado, a mecanização e a eletrificação do humano; de outro, a humanização e a subjetivação da máquina. É da combinação desses processos que nasce essa criatura pós humana a que chamamos “ciborgue”.” (KUNZRU, 2009, p.12).

Mas como a tecnologia agiria no nosso corpo? Ou, como perguntou Kunzru (2009, p.19) “em que profundidade ela penetrou sob a membrana de nossa pele?” Haraway (2009) complementa tais indagações sustentando a compreensão dos corpos enquanto construções históricas e pergunta “por que nossos corpos devem terminar na pele? Por que, na melhor das hipóteses, devemos nos limitar a considerar como corpos, além dos humanos, apenas outros seres também envolvidos pela pele?” (HARAWAY, 2009, p.92). Neste novo corpo híbrido podemos perceber de forma “consciente do fato de que a tecnologia é uma extensão de nosso corpo físico”. (MCLUHAN, 1971, p.62). Dessa forma, se corpos e tecnologia, homem e máquina não possuem membranas tão separadas e resistentes assim, poderíamos reconhecer aí uma nova noção de corpos.

Se em algum tempo existiu o esforço de compreender os sujeitos a partir de separações como corpo/mente, sujeito/sociedade, tradição/cultura, idealismo/materialismo, hoje se vive um momento de relativizações (SILVA, 2009). Uma das consequências do rompimento com tais dualismos modernos podem ser representados na antiga ilusão da separação homem – máquina, que hoje é relativizada, por exemplo, a partir da ideia dos ciborgues “organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção.” (HARAWAY, 2009, p.36). Neste sentido, a ideia dos ciborgues apresentaria algo novo, que não se reproduz das antigas ideias de homens como peças de máquinas ou máquinas com sentimentos humanos, mas traduz a noção de uma hibridização dessas duas instâncias (homem-máquina) a partir de um elemento fundamental que é a informação (KUNZRU, 2009).

Neste sentido, introduzimos a noção de corpo-informação importante para a nossa discussão e onde promovemos encontros com os demais temas: rastros digitais e as tatuagens.

No desafio de encontrar um conceito único para definir esse corpo que se constitui a partir das relações dos sujeitos com o ambiente virtual, encontramos expressões diferentes como cibercorpo (XAVIER, OLIVEIRA, 2005); corpo digital (APROBATO, 2018; REZENDE, 2005; DINOPOULOU, 2014); corpo virtual (ROBLE, DAOLIO, 2016), corpo eletrônico ou corpo hipertexto (KROKER, WEINSTEINEM, 1994; ABDEL-MONEIM, 2002) e, por fim, corpo a partir da dimensão de informação, que identificamos como corpo informação (KROKER, WEINSTEINEM, 1994; KUNZRU, 2009; LE BRETON, 2003; SIBILIA, 2015), entendidos neste estudo constituído a partir dos rastros produzidos por nós ou por terceiros no ambiente virtual.

Le Breton (2003), comenta que livre de imposições e restrições que determinam/constituem subjetividades a partir de um corpo real, o “eu” do espaço cibernético constituiria-se a partir da provisoriedade e da escolha de cada sujeito, se apresentando como e quando o sujeito quiser. O espaço cibernético permitiria aos sujeitos a construção de um “eu” em que o corpo deixa de ser útil e ativo libertando-o para a construção de uma existência virtual pautada naquilo que constrói para si conforme sua vontade, ou seja, o corpo torna-se informação controlada quanto ao conteúdo e público a que são destinados (LE BRETON, 2003). Mas até que ponto existe esse controle?

O ambiente digital nos apresenta novas possibilidades de registro de nossas ações, comportamentos, opiniões e interesses, e, voluntariamente ou não, tudo que se faz online deixa potencialmente um vestígio da nossa presença (BRUNO, 2013). Como corpos-informação produzimos rotineiramente uma quantidade infinita de dados, que despertam interesses cada vez maiores nos segmentos especializados de rastreamento e também nos já conhecidos setores de marketing e publicidade de empresas e produtos. Assim, nos tornamos corpos-informação, informação que deixa rastros, que despertam interesses. Neste contexto, nossas subjetividades podem se tornar vulneráveis quando

O grande malfeitor, que tudo captura, são os algoritmos. Nada mais no universo escapa da lógica de seu poder invisível e onipresente. O governo e as corporações, as economias, a cultura, a vida, nossos pensamentos, nossos hábitos e nosso eu, as

coisas, o tempo e o espaço estão submetidos à governabilidade algorítmica. Nessa versão renovada da sociedade de controle do capitalismo digital, tudo virou dados mercantilizados. (SANTAELLA, 2005, p.65)

Do vasto banco de dados “individuais” são extraídas, mineradas e construídas categorias que vão além de compreender uma identidade única, específica, mas que permitem constituir, a partir do volume de dados agregados, padrões que dirão não de um indivíduo específico, mas de grupos ou nichos. (BRUNO, 2013)

Dessa forma, torna possível traçar perfis “de consumo, interesse, crime, empregabilidade” (BRUNO, 2013, p.153) que dizem não de um sujeito digital específico, mas sinalizam desejos e possibilidades que permitem compreender, simular e agir sobre similares, constituindo bancos de dados e dali extraindo padrões de consumidores, empregados, crimes, afinidades políticas, etc. Nesta ideia, os rastros digitais são vistos e utilizados como possibilidades de projetar, antecipar, intervir e influenciar a decisão das pessoas e tem seus interesses voltados na compreensão de grupos e não de individualidades. (BRUNO, 2013). A partir dessa dimensão compreendemos a constituição dos rastros digitais, ou dossiês digitais como preferem nomear Palfrey e Gasser (2011). Mas, o que as tatuagens têm a ver com essa discussão?

TATUAGENS DIGITAIS: MARCAS E RASTROS DIGITAIS PRODUZIDOS NO AMBIENTE VIRTUAL?

O ambiente virtual, especialmente em sites, blogs, revistas virtuais e redes sociais, é onde encontramos a expressão “tatuagens digitais”. A pesquisa do termo, na plataforma Google, em português, nos apresenta em sites brasileiros a utilização da expressão “tatuagem digital” em contextos diferentes. De maneira geral, a referência imediata associa o termo a tatuagens digitalizadas nas peles ou feitas através de recursos de máquinas tatuadoras. Mas é um outro contexto que nos chama atenção. Nos sites administradores.com.br,

infomoney.com.br e outros relacionados a área de consultoria de negócios e tecnologia, é apresentada uma definição criada por Wladir Arevolo, identificado como analista sênior da TGT Consult. Como rastro desse termo na internet encontramos uma entrevista no site Uol, no ano de 2010 de Wladir Arevolo, quando ele sugere o uso do termo “tatuagem digital” e o apresenta como “todo o registro feito em redes sociais, blogs e e-mails, seja uma foto, um vídeo, um texto. É um histórico de tudo o que a pessoa fez na web e tudo o que foi colocado na web sobre ela”. A partir daí é possível encontrar em outros sites, a referência a essa mesma definição proposta por Arevolo. É importante destacar que na pesquisa do termo em português essa é a única referência conceitual relacionada, e em geral identificam a criação da expressão “tatuagem digital” a partir dessa experiência citada.

Outro uso identificado a partir da pesquisa do termo, porém em espanhol “*tatuajes digitales*”, mostra-nos conteúdos de publicações também em um site de marketing que se identifica como “*un laboratorio de co-creación estratégica enfocado en el entendimiento del futuro y las nuevas formas de conexión entre las organizaciones y las personas*”. Neste espaço se relaciona o termo “*tatuajes digitales*” à implantação de chips na pele, e apesar de utilizar o termo, a própria publicação questiona o uso do termo para nomeação desse tipo de procedimento de modificação corporal.

Los supuestos “tatuajes digitales” son implantes que no son evidentes a la vista y que permiten cambiar su contenido tan rápido como la persona lo desee, dos características que se oponen a dos de los rasgos más importantes del tatuaje como expresión artística: ser visible e indeleble. No puede llamarse tatuaje a esta práctica. (ALBNORNOZ, s.d)

Na publicação, Albornoz (s.d) relativiza a relação desse tipo de procedimento ao que convencionalmente costuma-se chamar de tatuagem à medida que apresenta características bem diferentes aos elementos fundamentais de uma tatuagem que seriam: ser visível e indelével. Porém, destaca a importância da discussão quanto às possibilidades atuais de

modificação do corpo a partir das relações com a tecnologia, o que a autora chama de “mecanização do homem”.

Outra publicação encontrada a partir do termo em espanhol tem o título “*Tatuajes digitales, ¿una revolución tecnológica?*”, de Nicholas Valdes em 2017, no site *CubaDebate*. Neste ambiente a tatuagem digital é apresentada enquanto um projeto de inscrição no corpo de um dispositivo digital inteligente conectado à internet. Como exemplos são citadas experiências da Universidade de Seul, na Coreia do Sul, de implantes de dispositivos capazes de monitorar os níveis de açúcar no sangue para acompanhamento de pacientes diabéticos.

El sistema se basa en un parche de grafeno (material muy de moda en estos tiempos) que analiza la temperatura del cuerpo y los niveles de ph del sudor, recogiendo datos que se transmiten a una app. De acuerdo con los científicos surcoreanos, esa misma aplicación ordenaría al tatuaje que suministre la cantidad necesaria de metformina que el organismo necesite, a través de unas microagujas incorporadas en el diseño. (VALDES, 2017)

O texto também apresenta outras experiências como a da Universidade Americana do Texas a partir de tatuagens com *grafeno* e a possibilidade de controlar as atividades elétricas do cérebro e de todos os músculos, incluindo o coração. Neste sentido, a compreensão é de que esses dispositivos implantados seriam tatuagens digitais, recursos que já estão sendo produzidos tanto no campo da saúde como os exemplos citados anteriormente, como também na área do controle e segurança por empresas de celulares.

Também associando a ideia da tatuagem digital à implantação de um recurso tecnológico ao corpo, uma outra experiência é compartilhada pela internet através do site tecnologia – *TicBeat.com*. Mas, diferente dos outros usos já apresentados, neste caso relata-se o trabalho de um artista chamado Anthony Antonellis, que implantou um chip na mão que armazena uma arte digital. É importante destacar que em geral as experiências descritas acima relacionam o uso do termo “tatuagens digitais” à implantação de chips nos corpos, o que remeteria mais à compreensão de um tipo de modificação corporal denominada como

implante do que a ideia das tatuagens, que em geral se caracterizariam por algo permanente ou marcas produzidas voluntariamente na pele.

Aproximando-se mais à discussão que se propõe nesse texto, um outro registro do termo foi encontrado na publicação intitulada “*El tatuaje digital*”, de Llúcia Ramis em 24 de janeiro de 2019, no site *The New Barcelona Post- TheNBP*. Na publicação a autora discute a perda da intimidade e a efemeridade do mundo virtual em contraposição ao que teríamos de mais duradouro e intencional que seriam as tatuagens. Neste sentido, a perda da intimidade e a possibilidade de tudo que for dito ficar registrado e poder ser usado de alguma forma contra àquele que o produziu geram um tipo de memória digital que poderia ser representada pela ideia de “tatuagem digital”.

[...]Los tuits y retuits se han convertido en ese pecado de juventud que lucen las pieles ya marchitas. Ahí está la marca de lo que hicimos en un arrebato, tal vez en broma, solo para provocar. Puede volverse un estigma. ¿Hasta qué punto y hasta cuándo seguimos siendo quienes fuimos? (RAMIS, 2019)

A partir dessa discussão as publicações em redes sociais se tornaram uma marca definitiva que se produzidas em momento de explosão e tensão, podem se transformar em uma expressão e representação de si que não é “real” ou que não se reconhecia em outros momentos e contextos.

As ideias apresentadas, especialmente no TheNBP, em 2019, que associam o termo tatuagens digitais à ideia dos rastros permitem conexões preliminares com alguns estudos, como, por exemplo, de Quijano (2018). O autor nos apresenta as marcas, registros, rastros produzidos nos ambientes digitais a partir da ideia de capital contemporâneo, ou seja, enquanto um elemento intangível que sustentaria o capitalismo e que daria valor e sentido aos sujeitos, não somente no ambiente virtual, mas também na vida profissional. Neste sentido, nos levaria a uma possível compreensão do termo tatuagem digital enquanto uma representação/expressão de rastros digitais que produzem tanto oportunidades de serem vistos

quanto de serem valorados no mundo digital, e, conseqüentemente, com oportunidades de inserção no mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas discussões, pretende-se portanto, a partir da compreensão dos corpos enquanto informação que é produzida voluntariamente ou não pelos sujeitos no ambiente virtual encontrar marcas, com características simbólicas comuns ao que encontramos nas representações sobre tatuagens no corpo físico.

Por fim, essas são ainda reflexões incipientes de construção de um percurso de pesquisa que envolverá outras indagações, mas que tem como proposta compreender as novas dimensões dadas ao corpo no ambiente da virtualidade no mundo contemporâneo e a possível relação de alguns desses rastros à elementos comuns às tatuagens. Sendo assim, retomamos a questão: os rastros digitais produzidos voluntariamente ou não podem assumir características que se assemelham ao que historicamente as tatuagens marcaram os corpos e subjetividades em diferentes contextos sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

ABDEL-MONEIM, SARAH GRUSSINGO Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético. *Revista Estudos Feministas [online]*. 2002, v. 10, n. 1 [Acessado 30 Junho 2022] , pp. 39-64. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100003>>. Epub 18 Set 2002. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100003>.

administradores.com.br. Disponível em
<https://administradores.com.br/noticias/saiba-o-que-e-a-tatuagem-digital-e-quais-sao-as-suas-armadilhas>. Acesso em: <20/06/2022>

APROBATO, Valéria C.. Corpo digital e bem estar na rede Instagram: um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade. *Bol. - Acad. Paul. Psicol. [online]*. 2018, vol.38, n.95, pp. 157-164. ISSN 1415-711X.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: *Sulina*, 2013.

BRUNO, Fernanda. Rastrear, classificar, performar. *Cienc. Culto.*, São Paulo, v. 68, n. 1, pág. 34-38, março de 2016. Disponível em
 <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 de agosto de 2021.
<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000100012>

CubaDebate. Disponível em
<http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/11/04/tatuajes-digitales-una-revolucion-tecnologica/>. Acesso em <20/06/2022>

DINOPOULOU, C. Telepresença interativa e Telemática: Dançando com a imagem do corpo digital em transmissão em rede. *Revista Eletrônica MAPA D2 - Mapa E Programa De Artes Em Dança (e Performance) Digital*, 1(1), 2014. Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/mapad2/article/view/10105>

HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

infomoney.com.br. Disponível em
<https://www.infomoney.com.br/carreira/saiba-o-que-e-a-tatuagem-digital-e-quais-sao-as-suas-armadilhas/>. Acesso em <20/06/2022>

KRONER, A. e WEINSTEIN, M. *Data trash: the theory of the virtual class*. [S.1]: St. Martin, 1994.

KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna Jeanne; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. 2.ed. Campinas: Papirus, 2003.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem* (Understanding media). 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUIJANO, Paola Ricaurte. Jovenes y Cultura digital: abordajes criticos desde America Latina. Chasqui: *Revista Latinoamericana de Comunicacion*, Ecuador, n.137, p. 13-28, abr-jul. 2018.

RAMIS, Llúcia. El tatuaje digital: las normas han cambiado. La intimidad no existe, y todo lo que digas podrá ser utilizado em tu contra. *The NBP - New Barcelona Post*, 24 enero 2019. Disponível em <https://www.thenewbarcelonapost.com/el-tatuaje-digital/>. Acesso em 20 de junho de 2020.

REZENDE, Renata. O corpo digital como corpo duplo: a tecnologia purificando as formas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom 2005, 2005, Rio de Janeiro. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom 2005, 2005.

ROBLE, O. J.; DAOLIO, J. Do corpo identitário ao corpo virtual: algumas implicações para a Educação Física. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p. 217–226, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643665>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SANTAELLA, Lúcia. *Porque as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Editora Paulus, 2005.

SIBILIA, Paula. El show del yo. In: SIBILIA, Paula. *La intimidad como espectáculo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008, p.9-33.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano. IN: KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna Jeanne; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TAPIAS, José Antônio P.. *Internautas e naufragos: a busca do sentido na cultura digital*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

The New Barcelona Post-TheNBP. Disponível em <https://www.thenewbarcelonapost.com/el-tatuaje-digital/>. Acesso em <20/06/2022>

TICBEAT. El tatuaje digital, una nueva forma de expresión artística. TICbeat. 31 de agosto de 2013. Disponível em <https://www.ticbeat.com/cyborgcultura/el-tatuaje-digital-una-nueva-forma-de-expresin-artstica/>. Acesso em 20 de junho de 2020.

TicBeat.com. Disponível em <http://peruanoaldia.blogspot.com/2013/08/el-tatuaje-digital-una-nueva-forma-de.html>. Acesso em <20/06/2022>

TURKLE, Sherry. La huida de la conversación. In: TURKLE, Sherry. *En defensa de la conversación: el poder de la conversación en la era digital*. Barcelona: Ático de los Libros, 2019, pp. 35-84.

XAVIER, R. Claudio S; OLIVEIRA, L. Cibercorpo: interface e (in)formação. In: 4º *SOPCOM*, Aveiro, 2005.

ZUBOFF, S. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*, 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca., 2020.

Como citar este texto:

CARVALHO, Fernanda P.; FERREIRA, Raphael S. Corpos digitais na era do big data. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 7, 2022, Belo Horizonte. *Anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022. ISSN: 2674-7847. p. 1111-1123.